O homem na sociedade ou a sociedade no homem: Desafios epistémico e metodológico para uma análise sociológica do carisma de Samora Machel

*The man in society or society in man: Epistemic and methodological challenges
for a sociological analysis of Samora Machel's charisma*

Patrício Langa

Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/ras/985>

DOI: 10.4000/ras.985

ISSN: 2312-5195

Editora

Sociedade Angolana de Sociologia

Edição impressa

Data de publicação: 1 Junho 2014

Paginação: 67-79

ISSN: 1646-9860

Refêrencia eletrónica

Patrício Langa, « O homem na sociedade ou a sociedade no homem: Desafios epistémico e metodológico para uma análise sociológica do carisma de Samora Machel », *Revista Angolana de Sociologia* [Online], 13 | 2014, posto online no dia 04 junho 2016, consultado no dia 03 maio 2019.
URL : <http://journals.openedition.org/ras/985> ; DOI : 10.4000/ras.985

Este documento foi criado de forma automática no dia 3 Maio 2019.

© SASO

O homem na sociedade ou a sociedade no homem: Desafios epistémico e metodológico para uma análise sociológica do carisma de Samora Machel

The man in society or society in man: Epistemic and methodological challenges for a sociological analysis of Samora Machel's charisma

Patrício Langa

NOTA DO EDITOR

Recebido a: 14/Março/2013

Enviado para avaliação: 12/Setembro/2013

Recepção da apreciação: 4/Outubro, 28/Novembro/2013

Recepção de elementos adicionais: 18/Dezembro/2013

Aceite para publicação: 22/Dezembro/2013

Introdução

- ¹ Este É tempo de nós olharmos para trás e, desta maneira: reexaminar o homem; reexaminar o processo que o moldou; reexaminar os processos históricos que ele influenciou, o movimento de libertação nacional transformado em luta do 'povo'; os anos que constituíram à fundação do Estado e da Nação Moçambicana [Machel 2001]¹. O tempo que nos separa do trágico desaparecimento (físico, porque presente na memória individual e colectiva de muitos) de Samora é suficiente para lançarmos um olhar mais acurado sobre o contexto, a governação e a personalidade do líder que foi Samora [?].

Iniciei esta reflexão há sete anos, aquando das celebrações do vigésimo aniversário da tragédia de Mbuzini em 2006. Mbuzini é o nome de uma região de colinas em *Komatiport*, na África do Sul, perto das fronteiras de Moçambique e Suazilândia, onde despenhou o avião presidencial que levava o primeiro presidente de Moçambique independente e parte da sua comitiva na fatídica noite de 19 de Outubro de 1986.

- 2 As cerimónias dos 20 anos de Mbuzini foram marcadas pela realização de vários eventos entre os quais um simpósio internacional sobre a vida e obra de Samora. No entanto, prevalecia já há alguns anos no país um ambiente de saudosismo e de crescente nostalgia visível de Samora. Nos transportes públicos, nas lojas, nos mercados populares, e até nas casas das pessoas ouvia-se a voz de Samora irromper projetada pelo som de aparelhos audiovisuais como rádio, gravadores, discos compactos e vídeos. A imagem de Samora habita(va) e decora(va) as camisetas, os transportes públicos, viaturas individuais através de pinturas adesivas, e as paredes com pinturas em grafite nos muros das cidades. Samora estava mais vivo do que quando vivo. Era o regresso do morto em forma de memória colectiva. A remição da memória de Samora constituiu matéria de preocupação de académicos como, por exemplo, Serra [1997] e Macamo [2006]. A questão de saber o que tornou Samora essa figura decalcada na memória colectiva dos Moçambicanos, e não só, nunca teve uma resposta satisfatória. Uns referem-se ao carácter extraordinário da sua personalidade e a sua referência como reserva moral da sociedade [Serra 1997]. Outros ainda reportam ao papel que o contexto político-histórico teve na produção de Samora [Macamo 2006]. Existe, portanto, um dilema que informa dois paradigmas sociológicos na leitura da figura de Samora. Existe também a questão do tempo histórico, que abordo a seguir.
- 3 À partida confrontei-me com um dilema bidimensional na análise de Samora. A primeira dimensão do dilema está reflectida na paráfrase que apresentei na nota introdutória com recurso a Graça Machel, esposa e viúva do primeiro chefe de estado moçambicano. Graça Machel fez a nota na biografia de Samora para um livro editado pela Maguezo Editores em 2001. No referido excerto Graça Machel considera que é “*tempo*² de nós olharmos para trás e examinarmos Samora Machel” [Machel 2001: 9]. Graça Machel oferece-nos um conjunto de razões, que as qualifico de epistemológica e metodologicamente pertinentes, razoáveis para lançar um olhar menos emocional e, portanto, que nos permita recuperar cognitivamente, de forma mais ‘objectiva’, a história de e feita por Samora.
- 4 Depreende-se dessa leitura que a distância histórico-temporal que nos separa(va) da morte de Samora (na altura, em 2001 eram transcorridos 15 anos, hoje passam 27 anos) constitui o principal argumento para romper com o obstáculo epistemológico que as ‘emoções’ alegadamente suscitam para produção de um conhecimento ‘objectivo’ sobre Samora e o contexto em que actuou. O tempo histórico surge, então, nas palavras de Graça Machel, como um elemento metodológico importante para anular o obstáculo epistemológico suscitado pelo ‘ídola’ da emoção.
- 5 Neste sentido, levanta-se uma preocupação metodológica fundamental, mas que constitui apenas um dos vários dilemas e complexidades que estudar a figura de Samora pode implicar. Neste caso concreto, trata-se do dilema metodológico ligado ao distanciamento histórico-temporal necessário para limitar o efeito das *emoções*³ sobre as nossas análises.
- 6 A segunda dimensão do dilema é sugerida pelo sociólogo moçambicano Elísio Macamo. Segundo Macamo [2006] [é]era provavelmente ainda muito cedo para procurar entender o primeiro chefe de estado moçambicano. A principal razão avançada é de que a história

ainda é[ra] recente e qualquer tentativa de abordar o assunto corria o risco de nos envolver em polémicas típicas de um país que ainda está à procura de si próprio [Macamo 2006]. Segundo Macamo [2006], até aquele momento, o tempo decorrido constituía ainda um obstáculo à produção de um conhecimento não polémico por razões ligadas à própria constituição histórico-sociológica de Moçambique enquanto país, a qual parte considerável de sua especificidade é da responsabilidade do próprio Samora.

- 7 A primeira dimensão sugere que o distanciamento temporal já nos permite um olhar menos comprometedor, ou que não comprometa a 'objectividade' do conhecimento que queiramos produzir sobre Samora. A segunda dimensão, pelo contrário, considera o tempo histórico transcorrido ainda limitado para uma análise que não suscitasse polémicas.
- 8 Estamos, como sugeri no início, perante um dilema epistémico e metodológico ligado ao distanciamento histórico-temporal que condiciona a produção de um conhecimento o mais 'objectivo' possível. Afigura-se, portanto, prudente considerar que este tipo de problema é característico do estudo de personalidades africanas, mas não só, da estatura e dimensão de Samora Machel, Thomas Sankara, Robert Mugabe e talvez até Nelson Mandela pelo impacto que tiveram na constituição política e moral das suas sociedades. Por isso, talvez não fosse prudente discutir o mérito de cada um dos pressupostos, do distanciamento ou da proximidade histórico-temporal do evento. No entanto, estes pressupostos sugerem a complexidade epistemológica e metodológica para tornar inteligível, através da análise da acção e do pensamento, figuras como a de Samora. Que postura seria prudente adoptar nestas circunstâncias? Como estudar figuras consideradas 'carismáticas'?
- 9 Os dilemas, por princípio, são problemas sem solução. Colocado de outro modo, a sua solução requer uma resolução. Estudar Samora imediatamente ou ficar à espera que as cinzas da história [o] arrefeçam, constitui, portanto, um dilema. Coloca-se também a questão de saber quem decide quando é que as cinzas já estarão frias o suficiente para que não nos possam queimar. Se estudamos imediatamente incorremos no risco da controvérsia relativa à proximidade emocional com o objecto. Se ficamos à espera do arrefecimento das cinzas, os que uns acham que já ocorreu, também incorremos no risco do esquecimento.
- 10 A postura que adopto não é a de encetar uma observação crítica à sugestão da dimensão histórico-temporal como sendo o maior obstáculo à compreensão de Samora e do contexto em que este governou. Pelo contrário, Graça Machel e Macamo levantam um desafio importante para a comunidade académica de cientistas sociais moçambicanos, e não só, interessados em compreender o país e o homem que foi Samora.
- 11 Estabelecer a proximidade e o distanciamento histórico-temporal 'ideal' que nos permita, portanto, ir ao encontro desse desafio é apenas um primeiro passo. É precisamente a ideia de nos libertarmos da emoção que nos remete para a situação de dilema. Independentemente do posicionamento que cada um possa tomar, resultante da ponderação que fizer e das conclusões a que chegar para defender seu posicionamento, penso que a emoção – da qual, através do tempo, procuramos nos afastar ou controlar – é precisamente um elemento central que caracteriza(va) a personalidade e a nossa relação com a figura póstuma de Samora. A emoção é, portanto, constitutiva da relação que as pessoas estabeleciam com Samora.

- 12 A emoção é, por isso, um elemento fundamental que permeia toda a possibilidade de conhecimento 'objectivo' de e sobre Samora. Quanto mais distante dela, mais distante daquele. Não há nenhum romantismo, muito menos saudosismo, nesta observação, há apenas a constatação de um facto. Por outras palavras, estou a sugerir que faz parte de um posicionamento epistémico e metodologicamente defensável, o desafio de recuperar a emoção que permeava a relação entre Samora e o 'povo' independentemente da distância, tanto da convivência com a personalidade, como da dor que a sua morte suscitou ou ainda suscita. Estudar o homem que foi Samora implica, portanto, de uma ou de outra maneira, engajarmo-nos numa tentativa de compreensão de uma relação caracterizada pela emoção. Uma sociologia das emoções seria, portanto, indispensável à compreensão da figura de Samora.
- 13 Certos indivíduos normalmente designados Profetas, Visionários, Messias são considerados pelos seus seguidores como tendo uma relação especial com o sagrado. Arrastam consigo multidões e não poucas vezes têm um efeito sobre os outros que quase os criam uma espécie de eclipse da razão. Em esferas como a da política, da guerrilha e da religião, a percepção pelos outros de que alguém foi dotado de dom sobrenatural, uma característica extraordinária leva a que os considerem carismáticos. Samora parece ser um exemplo desse tipo de pessoas.

O problema

- 14 Tentar compreender as origens sociológicas do fenómeno carismático Samora é um exercício complexo. No que se segue tentarei explorar outras propostas de leitura sociológica de Samora socorrendo-me para tal da sugestão de dois sociólogos Moçambicanos. Ao fazê-lo interessa-me, simultaneamente, explorar um outro problema epistemológico e metodológico que me parece se colocar ao estudo de Samora. Não se trata do referido problema do distanciamento histórico-temporal. O problema consiste em saber se o carisma de Samora foi produto da sociedade ou, a sociedade produto daquele?
- 15 Sugeri que as propostas de Serra [1997] e Macamo [2006] constituem o principal ponto de partida para reflectir sobre esta questão. Tanto Serra como Macamo apresentam-nos uma abordagem teórica para pensar o homem e a governação de Samora. Ao analisar as duas propostas considere que tomá-las isoladamente resultaria numa postura epistemológica e metodológica que nos remeteria para um problema análogo ao verificado na sociologia clássica, a saber, o dilema entre o indivíduo e a sociedade. Analiso em seguida o dilema sociológico sociedade e indivíduo como pressuposto para lançarmos um olhar sobre as duas propostas de como pensar Samora.

A sociedade no homem e o homem na sociedade

- 16 O dilema do indivíduo e da sociedade é um clássico da sociologia. Começo, no entanto, por recordar alguns aspectos centrais que caracterizam o dilema indivíduo - sociedade na sociologia, para em seguida compará-los às sugestões de como estudar Samora propostas por Serra e Macamo. O debate consiste no problema de saber como estruturas sociais determinam a acção dos indivíduos, como essas estruturas são criadas e quais são os seus limites. A questão é de saber se existe algum limite na capacidade dos indivíduos de agir

independentemente dos constrangimentos estruturais. Quais são os limites das estruturas sociais sobre a acção humana?

- 17 De uma forma geral, o dilema indivíduo e sociedade divide os sociólogos em dois grupos. O grupo dos que explicam os fenómenos sociais a partir da estrutura social e o grupo dos que os explicam pela acção individual. Acção e estrutura são, portanto, dois termos do vocabulário dos sociólogos para designar indivíduo e sociedade.
- 18 Alguns sociólogos explicam os fenómenos sociais pela estrutura social e partem do princípio de que a acção dos indivíduos e as relações entre as pessoas são determinadas por constrangimentos externos a elas. O sociólogo Francês Émile Durkheim [1858-1917] foi um dos expoentes representantes desta postura. Outros paradigmas sociológicos tais como o funcionalista e o marxista são considerados fundamentalmente estruturalistas por partilharem o princípio de explicação com base na primazia da estrutura sobre a acção dos indivíduos. Um exemplo comum sobre esta perspectiva é retirado da língua. A língua que usamos para a nossa comunicação quotidiana, para interagirmos uns com os outros, é algo que preexiste a cada um de nós. Todos nascemos num lugar onde se fala ou falam determinada(s) língua(s). Não somos nós quem escolhe à nascença a língua que gostaríamos de falar.
- 19 O uso da língua é sujeito a obediência de regras gramaticais, morais e culturais, independentes das nossas vontades individuais. Só obedecendo a essas regras é que nos podemos entender comunicando. Existe, portanto, um certo constrangimento que nos compulsa a seguirmos tais regras se nos quisermos entender. No entanto, a maneira como cada um se expressa, a habilidade, a criatividade no uso da língua; pense-se no caso de Mia Couto ou da Paulina Chiziane, dois escritores moçambicanos cuja habilidade para esculpir neologismos é extraordinária, é objecto da acção e criatividade individual. O exemplo da língua podia ser também dado entre outros como o casamento, o namoro, a família e a religião. São estruturas sociais que condicionam a maneira como nos comportamos em sociedade.
- 20 Por outro lado, para os que explicam os fenómenos sociais pela acção individual, o que interessa é a motivação, as razões subjectivas que levam os indivíduos a comportarem-se de determinada maneira. Max Weber, sociólogo Alemão [1864-1920], considerado um dos fundadores da sociologia, foi também considerado precursor desta segunda perspectiva. O sentido subjectivo que as pessoas atribuem a sua própria acção constitui a principal fonte para o sociólogo interpretar e compreender a sociedade. Na gíria sociológica chama-se a explicação dos fenómenos sociais a partir da acção do indivíduo de individualismo metodológico.
- 21 Peter Berger, outro sociólogo de gabarito, popularizou-se, entre outros, através do seu livro, *Perspectivas sociológicas* [1986], uma metáfora que distingue estas as duas abordagens. Designou de perspectiva da *sociedade nos indivíduos* aquela que privilegia a explicação dos fenómenos sociais a partir das estruturas da sociedade e do *indivíduo na sociedade* a perspectiva contrária. Este dilema, outrora caracterizado pela (ir)reduzibilidade de uma perspectiva à outra, já foi excessivamente debatido na sociologia não lhe faltando alternativas de superação. Destacam-se na busca de solução para o dilema as teorias de estruturação do sociólogo britânico, Anthony Giddens e a tentativa de superação do dilema objectivismo versus subjectivismo, uma outra metáfora para o mesmo dilema, o sociólogo Francês, Pierre Bourdieu [1930-2002] com a sua teoria da prática social.

- 22 Por economia de tempo limitar-me-ei a uma breve apresentação da teoria da estruturação de Giddens [1984]. A teoria de estruturação é uma tentativa de harmonizar a perspectiva da sociedade no indivíduo e do indivíduo na sociedade, agência e estrutura, subjectividade e objectividade, macro e micro análise sociológica. Para Giddens [1984], a prática social que se combina na constituição dos dois, indivíduo e sociedade. Na prática, existem sociólogos que se mantêm renitentes e adoptam cada uma das posturas já referidas, outros optam pela combinação, outros ainda consideram a superação sintética em si uma perspectiva distinta das duas, portanto, uma terceira perspectiva.
- 23 Os sociólogos estão conscientes, ou deviam estar, destas opções ao fazerem as suas análises. Em seus escritos, tanto Serra como Macamo deram indício do seu posicionamento em relação a essas posturas. Os textos a que faço referência nesta análise contêm elementos que relevam essa preocupação. Nem Serra, nem Macamo estão menos atentos a esses desenvolvimentos dos quais surgiram propostas teóricas de superação sintética do dilema indivíduo e sociedade. Alvitro que podemos identificar traços gerais característicos das duas posturas como sendo predominantes nas propostas analíticas de Serra e Macamo sobre a figura de Samora.

O homem na sociedade: Serra e o extra-quotidiano Samoriano

- 24 Ao propor um enquadramento weberiano do que designou de samorismo, Serra [1997] junta-se aos que privilegiam a acção do indivíduo na explicação dos fenómenos sociais. Com efeito, baseado na caracterização Weberiana dos três tipos de dominação, “*tradicional*”, “*carismática*” e “*legal*”, Serra vê em Samora as qualidades típicas de uma liderança – extra - quoditiana – carismática [Serra 1997: 38].
- “Se aceitarmos o ideal-tipo weberiano, não foram a legitimidade da tradição nem a impessoalidade das leis e das instituições que tornaram possível o fenómeno Samora, mas a extra-quotidianidade deste, o atributo ou os atributos que ele possuía para impressionar e assegurar a autoridade e a dominação carismáticas” [Serra 1997: 40].
- 25 É, de facto, plausível e defensável a convicção de Serra segundo a qual parece difícil negar que Samora possuía essa qualidade extraordinária. Serra cita uma passagem que se popularizou após a entrevista de Graça Machel concedida a Rádio Moçambique na qual a viúva de Samora teceu o seguinte comentário que citei antes e repito:
- “Quando Samora entrava numa sala, toda a gente sabia que alguém tinha entrado” (Graça Machel citada por Serra 1997: 40).
- 26 Segundo Serra, falar de Samora é colocar o velho problema do papel jogado pelas “*individualidades fortes*” [Serra 1997: 39] que surgem acima da sua condição histórica. Serra enfatiza que pessoas como Samora são tão marcantes que ao homem-médio moçambicano não resta, ou melhor, não restava, outra solução se não a de ser o mero representante, o mero suporte de uma dada condição histórica preenchida por Samora. Face a pessoas como Samora, os actores anónimos são como que despojados da sua individualidade e transformados, numa colecção de traços justapostos.
- 27 Por outro lado, para Serra “mesmo aqueles que foram de alguma maneira samorianos, quer dizer, parentes do estilo, da essência, do brilho carismático de Samora, mesmo esses

foram instintivamente apagados, submersos pela individualidade samoriana, remetidos para a condição de homens-médios [Serra 1997: 39].

- 28 A formulação Weberiana de carisma reflecte a preocupação que o autor tinha com a liderança enquanto problema na política moderna. O termo carisma, como referi anteriormente, é usado por Weber em diferentes sentidos, mas para se referir fundamentalmente a um tipo de dominação, ou seja, a um tipo de poder ou autoridade legítima, reconhecida em certo indivíduo por seus seguidores. Refere-se, portanto, a certas características da personalidade do indivíduo por virtude das quais ele se distancia daqueles considerados 'normais' em dada sociedade. É reconhecido algo sobrenatural, acima da normal condição humana, ou pelo menos qualidades excepcionais não acessíveis a qualquer indivíduo.
- 29 A proposta de Serra, de olhar para a extra-quotidianidade Samoriana, portanto, sugere uma análise weberiana da dominação carismática que Samora exerceu no seu tempo. Fará esta leitura, que sobrevaloriza a individualidade de Samora, justa as outras posturas analíticas sobre como pensar Samora?
- 30 Se a interpretação de Serra se limitasse à sobrevalorização dos elementos ligados a personalidade do indivíduo tínhamos um exemplo típico (puro) de uma leitura fundamentalmente individualista sobre Samora. No entanto, Serra se acautelou e evitou cair no extremo de anular a dimensão relacional e contextual ao analisar Samora.
- 31 A dimensão relacional que é uma proposta de superação do dilema estrutura e acção é sugerida por Serra para estabelecer a relação entre líder e massas como substrato no qual se efectiva e se actualiza a acção carismática de Samora. Poderá existir algum exagero na minha caracterização da leitura Serriana do carisma Samoriano como sendo, essencialmente, baseada numa leitura individualística. Serra, à maneira de Bourdieu (1998), concebe o real como relacional. Não existia nada, inscrito na personalidade e quiçá, na constituição genética de Samora, que o tornara carismático.
- 32 Para Serra o carisma de Samora deveu-se também às expectativas, à ansiedade e a um certo contexto político (comícios, multidões, canções do político etc.) que produziram por efeito de projecção desses sentimentos e situações para a pessoa de Samora, um líder carismático. Samora ou o samorismo, – para captar a dimensão sociológica do efeito Samora, ou por outra, a concepção 'racionalizada' feita por Serra – é produto de uma metamorfose sociológica específica a um contexto histórico que resultaram na produção de *crenças anómicas de massa*. Serra entende por crença anómica de massas conjuntos estruturados ou em vias de estruturação de conjuntos cognitivos e de representações e de valores que, em contexto de crise social (desinstitucionalização, desregramento generalizado e indiferenciação social) são inter-subjectivamente partilhados e sentidos como ajustados, verdadeiros, úteis e compensadores [Serra 1997: 37].
- 33 Serra sugere que o samorismo é menos um conjunto dos atributos possuídos em si por Samora do que o conjunto de expectativas (elas também utópicas) e de identificações projectadas pelas pessoas em Samora [Serra 1997: 41]. Mas o mais importante, conjecturo, é que Serra considera a interpretação peculiar dessas expectativas algo individual. É essa individualidade que é marca da personalidade de Samora que sobressai na análise de Serra, mesmo quando considerada a dimensão relacional.

O desregular anómico

- 34 Na visão de Serra, Samora é resultado de um estado de anomia e surge como a promessa de ordem. Serra ensaia assim uma leitura Durkheimiana de uma sociedade em transição de uma estrutura social e de dominação colonial para outra formação social em contexto de independência política. Visto como uma espécie de religiosidade profana são os valores sociais veiculados e, acima de tudo, a crença em tais valores que proporcionará o consenso necessário à perpetuação de uma nova ordem, ainda que utópica.
- 35 A leitura serriana do samorismo parece sugerir a necessidade de distinção de dois momentos na caracterização do fenómeno Samora. Num primeiro momento, subentende-se que o impacto ou efeito Samora é presencial, isto é, ocorre com Samora vivo. Seria, portanto, correspondente ao período que vai desde o início na luta de libertação nacional até à morte de Samora [1964 -1986].
- 36 O carisma e o efeito deste sobre os indivíduos que o rodeavam se faziam sentir nessa altura como algo predestinado. Como sugerem as seguintes passagens da análise de Ganhão [2001] sobre Samora:
- “Parecia que tudo estava predestinado nesta direção: o seu sentido de rigor e disciplina, o seu zelo pelo exercício físico, a sua predisposição para as paradas (militares) e o uniforme e, acima de tudo, a convicção que alimentava de que a libertação tinha que assumir a forma da violência revolucionária... . Quando o grupo retornou a Dar-es-salaam ele era indisputavelmente líder” [Ganhão 2001: 16]⁴.
- Ganhão prosseguia com a caracterização da transformação de Samora em líder carismático nos seguintes termos:
- “ (...) esta capacidade como orador havia sido desenvolvida nas zonas libertadas durante a guerra; ele conseguiu com o seu estilo dramático de enumerar as suas afirmações ganhar a adesão dos ouvintes da sua mensagem. Esta espetacularidade que Samora demonstrava era uma parte integrada da forma como ele se expressava” [Ganhão 2001: 16]⁵.
- 37 Segundo Ganhão [2001], Samora aprimora e desenvolve depois estas características – ‘predestinadas’ – com mais brilho e confiança após a independência. Elas ocorrem, portanto, ainda na presença de Samora, durante os comícios, os seus discursos e as marchas contagiantes. Aqui, Samora aparece como actor em palco, interpretando com toda a habilidade a expectativa nele depositada como guia do povo. A crença profana dos seguidores de Samora, as vertigens causadas pela sua presença é, então, efervescente enquanto Samora vivo.
- 38 Existe, porém, um segundo momento em que o samorismo ressurgue, na leitura de Serra [1997]. O samorismo ressurgue como uma reminiscência, como a vontade de retorno ao passado. Este segundo momento poderia ser identificado com o período pós-Samora – de 1986 em diante, talvez com tendência a reduzir à medida que a crise social se torna domesticada e incorporada no mundo não problemático. Na interpretação de Serra [1997], a crença anómica de massa surge quando Samora se transforma numa espécie de bóia de salvação mesmo após a sua morte.
- 39 O segundo momento supõe-se resultado das metamorfoses políticas e económicas que ocorreram no país com virada radical para o capitalismo. Faz algum sentido situar o samorismo ou o resgate de Samora, mesmo que por reminiscência utópica, como o efeito da crise social e anómica vivida no país?

- 40 Estes dois momentos não parecem salientados e geram um certo ruído principalmente quando Serra afirma que:

“A crença num chefe carismático só tem sentido e só se mantém quando ele é capaz de confirmar o que diz e promete, quando as pessoas podem receber dele as provas, os benefícios. Quando o chefe carismático não consegue ou não pode provar o que diz ou promete, a sua autoridade ou a obediência que lhes são dadas perdem-se ou correm risco de se perder” [Serra 1997: 44].

- 41 Esta leitura de Serra faz alusão que Samora vivo foi um perfeito intérprete das projecções que sobre ele se faziam como a bóia de salvação no contexto da crise social e anómica pós-independência. No segundo momento, ocorre aquilo que Burke chamaria de *a fabricação do rei* [Burke 1992]. E aqui, eu acrescentaria, fabricação nostálgica do rei. Interessa neste momento considerar a expectativa colectiva do milagre, do que o milagre em si.
- 42 Considero que é na dimensão do estudo da personalidade (dimensão psico-sociológica) que o aspecto emocional joga um papel preponderante. A dimensão psico-sociológica parece, de alguma forma, ser a maneira sugerida pela análise de Carlos Serra para estudar Samora.

A sociedade no homem: Macamo e o contexto político

“A Frelimo revolucionária dos anos imediatamente a seguir a independência não foi o que foi porque teve o líder que teve na altura; pelo contrário, o líder é que foi assim porque a Frelimo revolucionária daqueles tempos via o mundo naqueles termos” [Macamo 2006: SP]⁶.

- 43 O sociólogo Elísio Macamo, por seu turno, sugere uma perspectiva distinta, da de Serra, para se pensar Samora. Macamo defende que a apreciação do contexto político em que Samora actuou fornece subsídios que nos permitem evitar uma leitura baseada na descrição da personalidade. Os elementos da personalidade de Samora manifestos nos seus discursos vigorosos, no seu estilo, na sua altivez, não nos permitem, segundo Macamo, captar o contexto que produziu o homem que foi Samora nem nos permite vê-lo como produto de um contexto histórico específico.
- 44 Este posicionamento macamiano, à partida, é em si um indicativo da postura epistemológica específica por este adoptado para pensar Samora. Esta postura está mais próxima daquela que privilegia a sociedade sobre o indivíduo. Mesmo assim, considero defensável e de alguma justiça caracterizar, a grosso modo, a perspectiva de Macamo como aquela que dá mais relevância aos elementos estruturais como sugere o fragmento que cito no início desta secção. O líder é que foi assim por que a Frelimo revolucionária daqueles tempos via o mundo naqueles termos. A que tempo e termos se refere Macamo?

Doutrina de Samora ou de Aquino de Bragança?

- 45 Macamo refere-se basicamente ao contexto ideológico-político que se estabeleceu no seio da Frelimo como resultado de um tipo de interpretação pragmática do marxismo. Macamo [2006] reclama, portanto, o direito de *‘propriedade intelectual’* dessa interpretação pragmática do marxismo como pertencente a Aquino de Bragança não obstante ser atribuída à Samora.

“Samora foi resultado de uma leitura específica da história recente do país. Sem essa leitura, Samora não teria sido o que foi ou é na nossa imaginação” [Macamo 2006: SP].

- 46 É notório na passagem acima que Macamo [2006] reduz a importância do protagonismo do actor que foi Samora, em contraste com a sobrevalorização feita por Serra [1997]. Assim, como quem nasce numa sociedade e encontra a língua pronta através da qual se comunica, Samora é visto, apenas, como um bom intérprete da linha interpretativa do marxismo braganciano.

“Samora foi um exímio intérprete de uma composição cuja música foi escrita na base de notas desenhadas pela história, e segundo uma cadência determinada pela experiência histórica de grupos sociais específicos.

O grande dirigente que ele sem dúvida foi tem que ser visto no contexto do papel de intérprete de uma vontade ideológica cuja lógica por vezes o ultrapassou, mas a cujos ditames ele soube com perícia ímpar ajustar” [Macamo 2006: SP].

- 47 É inconcusso que Macamo [2006], tal como Serra [1997], não chega ao extremo de anular todo o ónus da acção e considerar Samora apenas uma espécie de marioneta telecomandada. No entanto, apesar do esforço para reconhecer em Samora um actor criativo, nota-se a ênfase dada ao contexto político como o elemento que molda a personalidade de Samora. É como se sugerisse que naquelas condições só poderíamos ter tido Samora. Samora só poderia ter sido Samora nas circunstâncias em que nos encontrávamos como país. Outras circunstâncias teriam produzido um outro Samora.

“Samora não foi uma fatalidade histórica, mas seus excessos, bem como sucessos, só fazem sentido no contexto específico em que ele agiu e que em certa medida deu substância a sua própria personalidade política. Não quero com isto dizer que sempre teríamos tido um Samora Machel; tivemos o Samora Machel que tivemos porque ele respondeu ao momento em que nos encontrávamos” [Macamo 2006: SP].

- 48 A dificuldade, a aparente contradição no excerto acima, de querer reconhecer o protagonismo do actor ao mesmo tempo que se procura realçar o lugar do papel jogado pelo contexto é, uma vez mais, característica do problema que se coloca para dar conta da acção de personalidades multifacetadas, multidimensionais e complexas como foi o caso de Samora.
- 49 Procurar pensar Samora através de uma única perspectiva redundaria numa leitura parcial e reducionista, incapaz, portanto, de apreender na totalidade o indivíduo e a sociedade em que este actuou. Pensar Samora somente através das qualidades intrínsecas a sua personalidade extra-quotidiana [Serra 1997] ou somente através do contexto político-ideológico [Macamo 2006] fornecer-nos-iam, apenas, uma imagem, uma visão unidimensional, parcelar e limitada do homem total que foi Samora e do contexto em que ele actuou.

EM jeito de conclusão: SM um fenómeno social multidimensional

- 50 Ao invés de observarmos um homem unidimensional ou um contexto político sui-generis alvitro que se olhe para o fenómeno social multidimensional que foi Samora. Este seria o título a atribuir ao texto resultante desta breve, porém crítica, reflexão sobre como estudar Samora. Defendo que a figura de Samora tem-se mostrado resistente a qualquer tentativa reducionista de tratá-la numa perspectiva unidimensional, seja esta temporal

(tempo histórico curto ou alargado), seja esta epistemológica, psicológica (personalidade) ou sociológica (acção ou estrutura) dando primazia à estrutura sobre a acção e vice-versa.

- 51 Samora como fenómeno social não foi unidimensional, pelo contrário, foi um fenómeno social total a la Mauss [Karsenti 1994]. Pensar, estudar, compreender, apreender, recuperar e resgatar o homem que foi Samora implica engajarmo-nos numa atitude epistemológica e metodológica que aceita essa condição de totalidade multidimensional.
- 52 O estudo de Cristiano Matsinhe [2001] sobre as biografias de Mondlane e Samora é um exemplo desse tipo de abordagem. Ao estudar as biografias e os heróis no imaginário nacionalista moçambicano, Matsinhe não só procura a totalidade multidimensional dos actores, como busca a conceptualização de nação e a compreensão dos elementos que a constituem. Portanto, os heróis fazem a nação e são feitos pela nação.
- 53 Seria, portanto, no mínimo, necessária uma postura epistémica híbrida ou sintética das duas posições apresentadas por Serra [1997] e Macamo [2006]. Considero esta síntese a postura epistémica e metodológica que mais ‘justiça’ faria à apreensão da totalidade multidimensional da figura que foi Samora, assim como na superação do dilema sociológico indivíduo e sociedade surgiram propostas sintéticas. Pode ser que se considere essa síntese uma terceira perspectiva com as suas próprias idiossincrasias.
- 54 O desafio de interpretar Samora consiste não apenas em recuperarmos indícios da sua acção carismática real e/ou imaginada, nem em enfatizar a papel do contexto político-ideológico no qual actuou. O desafio passa também por reflectirmos sobre os próprios instrumentos analíticos para essa reapropriação cognitiva de Samora no e do seu tempo.

BIBLIOGRAFIA

- BERGER, Peter, L., 1986: *Perspectivas sociológicas: uma visão humanística*; Trad. De Donaldson M. Garschagen. Petrópolis, Vozes.
- BOURDIEU, Pierre, 1998: *Practical Reason: On the theory of Action*. Stanford University Press, California.
- BURKE, Peter, 1992: *The fabrication of Louis XIV*, New Haven: Yale University Press
- GANHÃO, Fernando, 2001: “Samora Machel - lightning in the sky”, in Sopa, A (Eds) *Samora - Men of the People*. Maputo: Maguezo Editores, pp. 11-28.
- GIDDENS, Anthony, 1984: *The Constitution of Society*, Cambridge: Polity Press.
- KARSENTI, Bruno, 1994: *Marcel Mauss. Le fait social total*. Paris: PUF.
- MACAMO, Elísio, 2006: 27 de Junho a 3 de Julho, “Como Pensar Samora”. In *Meia noite*. Edição Especial 25 de Junho.
- MACHEL, Graça, 1995: “Graça Machel recorda Samora”, entrevista conduzida por Emílio Manhique, cassete produzida e editada pela Rádio Moçambique, faixa B.
- MACHEL, Graça, 2001: “It is time for us to look back”: In Sopa, A (Eds) *Samora. Men of the People*. Maputo: Maguezo Editores.

MATSINHE, Cristiano, 2001: Biografias e heróis no imaginário nacionalista moçambicano. in Fry, Peter (org) *Moçambique ensaios*. Editora UFRJ.

SERRA, Carlos, 1997: *Combates pela Mentalidade Sociológica*, Maputo: Livraria Universitária

NOTAS

1. “It is time for us to look back and, in this way: Re-examine the man; Re-examine the process that molded him; Re-examine the historic process, which he influenced – the movement of national liberation transformed into a people’s war; the years that laid the foundations of Mozambican State and Nation; Re-examine, through his trajectory the epic of the liberation of Southern Africa, especially [Machel 2001].

2. Destaque do autor.

3. Destaque do autor.

4. It seems as if everything was predestined towards this career: his sense of rigor and discipline, his zeal for physical education, his inclination display of parades and uniform and, above all, the conviction he nurtured that liberation had to assume forms of revolutionary violence... When the group returns to Dar-es-Salaam he was already an undisputable leader. (Tradução do autor do original em Inglês)

5. (...) this capacity as an orator had been developed in the Liberated Zones during the struggle; he managed with his theatrical styled of punctuating his affirmations winning the adhesions of the listeners to his message. This spectacular, which Samora showed, was an integral part of his way of expressing himself.

6. Esta secção é feita na base do texto de E.M. publicado no Jornal Meia-noite. Estou consciente que o texto foi produzido para um público, leitor, não necessariamente académico. No entanto, suponho, que no essencial, o texto apresentado faz justiça ao pensamento de Macamo sobre o assunto em questão. [SP = sem paginação].

RESUMOS

Este artigo discute duas abordagens teóricas para compreender a governação e a personalidade ‘carismática’ do primeiro presidente de Moçambique, Samora Machel. A partir da proposta de dois sociólogos moçambicanos, Carlos Serra e Elísio Macamo, questiono os pressupostos teóricos e epistemológicos, por estes sugeridos, para compreender a dimensão individual extra-quotidiana de Samora, por um lado, e a dimensão histórico-contextual, por outro lado, que moldou o homem que foi Samora. As duas propostas, tomadas isoladamente, remetem-nos para o dilema clássico da sociologia no que respeita as duas principais abordagens teóricas para explicar e interpretar os fenómenos sociais. Por um lado, uma abordagem que privilegia a interpretação e explicação dos fenómenos sociais a partir da acção do indivíduo na sociedade e, por outro lado, a outra que dá primazia às estruturas da sociedade sobre a acção do indivíduo. Argumento que o ‘carisma’ de Samora foi produto, simultaneamente, da sociedade em que viveu, mas também da sua personalidade. Qualquer das abordagens, tomada isoladamente, constituiria um

reducionismo à apreensão na e da totalidade da dimensão extraordinária e histórico-contextual do fenómeno social que foi Samora. Concluo propondo uma postura teórico-epistemológica sintética que permite a superação do dilema.

This paper discusses two theoretical approaches to understand the governance and the 'charismatic' personality of the first president of Mozambique, Samora Machel. Drawing from the proposal of two Mozambican sociologists, Carlos Serra and Elísio Macamo, I question the theoretical and epistemological assumptions to understand the individual extraordinary dimension of Samora, on the one hand, and historical-contextual dimension, on the other hand that shaped the man that was Samora. The two proposals, taken alone, lead us to the classical dilemma of sociology regarding the two main theoretical approaches to explain and understand social phenomena. On the one hand, an approach that favors the interpretation and explanation of social phenomena from the action of the individual in society and, on the other hand, the one that gives primacy to structures of society over the individual action. In other words, I argue that the 'charisma' of Samora was a product both of the society in which he lived, but also of his personality. Any of the approaches taken in isolation, would be reductionist to the apprehension of the totality of the extraordinary dimension, historical and contextual of the social phenomenon that was Samora. I conclude with the proposal of a synthetic theoretical-epistemological stance that enables overcoming the dilemma.

ÍNDICE

Palavras-chave: Samora Machel, sociedade, indivíduo, carisma, sociologia.

Keywords: Samora Machel, society, individual, charisma, sociology

AUTOR

PATRÍCIO LANGA

Sociólogo, Doutor em Sociologia e Educação pela Universidade da Cidade do Cabo (University of Cape Town, na África do Sul). É Professor Associado de Estudos do Ensino Superior na Faculdade de Educação da Universidade Eduardo Mondlane (Maputo, Moçambique), onde coordena o Mestrado em Estudos do Ensino Superior e Desenvolvimento (MESD). É Professor visitante e Investigador associado na Universidade de Western Cape (África do Sul), Universidade de Oslo (Noruega) e Universidade de Krems (Áustria). É fundador e Presidente do Centro de Estudos de Ensino Superior e Desenvolvimento (Maputo, Moçambique) e Presidente da Associação Moçambicana de Sociologia (AMS). Exerce a função de Director para a Avaliação Externa do Conselho Nacional para a Garantia da Qualidade no Ensino Superior (CNAQ) e membro convidado do Conselho Nacional do Ensino Superior (CNES), Moçambique. As suas áreas de investigação são a epistemologia, Sociologia do Ensino Superior, teoria social, política de educação e ensino superior, e desenvolvimento. É autor dos livros *Higher education in Portuguese Speaking African Countries. A five country baseline study* (Cape Town, 2013) e *Scientific capital and engagement in African Universities. The case of the social sciences at Makerere University* (Cape Town, 2011).

[e-mail: patricio.langa@gmail.com]